

## **A GUERRA DO PARAGUAI EM MANUAIS DIDÁTICOS: FONTES PARA ANÁLISE DA CULTURA ESCOLAR E DA CULTURA HISTÓRICA.**

**Andrew Cesar de Goes<sup>1</sup>**

**Éder Cristiano de Souza<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra do Paraguai, tem sido tema de pesquisa e debate desde a época do fim do conflito em 1870. Ao largo deste período diversas interpretações, abordagens e métodos historiográficos produziram mudanças nas formas de narrar essa história, sendo possível destacar três grandes vertentes historiográficas sobre o conflito: a versão tradicionalista; revisionista; e a neorrevisionista. O presente trabalho toma como fonte de investigação manuais didáticos de história, entendidos como fontes para análise da cultura escolar (FORQUIN, 1993) e da cultura histórica (RÜSEN, 1994), com o objetivo de identificar as relações entre as narrativas produzidas pelos manuais e as influências recebidas das diversas vertentes historiográficas. Espera-se, com isso, problematizar as relações entre a história produzida nas universidades e a história vivenciada na escola, contribuindo para ampliação das discussões sobre a didática da história e a cultura histórica.

**Palavras chave:** Guerra do Paraguai; Manuais Didáticos; Didática da História; Cultura Histórica; Historiografia.

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Orientador: Prof. Dr. Éder Cristiano de Souza. E-mail: [andrew.goes@aluno.unila.edu.br](mailto:andrew.goes@aluno.unila.edu.br).

<sup>2</sup> Docente do curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. E-mail: [eder.souza@unila.edu.br](mailto:eder.souza@unila.edu.br)

## 1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.

A guerra do Paraguai ocorrida na segunda metade do século XIX é um tema que traz discussões e está ainda muito presente, principalmente na memória de paraguaios e em menor medida de brasileiros. As narrativas sobre a Guerra são ensinadas nas escolas paraguaias desde o ensino básico e podem ser entendidas como importante elemento constituidor da cultura histórica, o mesmo não ocorre nas escolas brasileiras, onde o ensino sobre a Guerra é quase ausente. A cultura histórica, segundo o teórico alemão Jörn Rüsen (1994), pode ser entendida como o campo em que os potenciais racionais do pensamento histórico atuam na vida prática. Neste sentido, o ensino de história torna-se uma peça-chave na formação da cultura histórica dentro da sociedade, pois possibilita o aumento do conhecimento sobre a história aos indivíduos, permitindo consequentemente argumentos melhor estruturados e fundamentados. Dependendo de como a história é ensinada, os argumentos podem corroborar com a continuidade de problemas historicamente constituídos, ou podem ajudar a combatê-los.

Os manuais didáticos, sendo uma das principais ferramentas no processo de construção do conhecimento entre o professor e estudantes, acaba sendo uma importante fonte de análise para entender como possivelmente está ocorrendo o ensino de história e seus resultados. Rüsen (1997) ao explicar o que seria o manual didático ideal, traz que a multiperspectividade deve ser um elemento presente neste.

Si no se quiere que en la presentación de épocas se genere (sin querer) la falsa idea de “la” historia como hecho fijo, entonces se debe mencionar como tales las perspectivas globales de la interpretación histórica. Los alumnos y las alumnas deben poder aprender que estas realciones ni siquiera se pueden establecer sin su referencia su presente, que las interpretacions históricas tienen carácter perspectivo y que existen diferentes perspectivas relacionables de forma argumentativa y que se pueden y deben comparar de forma crítica. (RÜSEN, 1997, p. 90)

O manual estudado que apresenta uma única versão, ou uma única narrativa historiográfica, pode causar ao estudante a falsa ideia de que aquela narrativa conta a verdade, ou seja, o que realmente aconteceu. Quando o indivíduo tiver contato à uma narrativa diferente à conhecida por ele, possivelmente não aceitará e assim poderá estar corroborando com um preconceito.

Outra grande importância da multiperspectividade no ensino de história, é que esta fomenta a argumentação histórica do estudante e uma cultura histórica mais crítica. Isto ocorre, pois, o indivíduo ao se deparar com duas narrativas com explicações diferentes sobre um mesmo tema, se sentirá mais contemplado com uma delas e terá que encontrar razões para explicar por que uma narrativa é mais relevante que outra.

Para a realização desta pesquisa, além do estudo sobre a Guerra do Paraguai, sobre o que é cultura histórica e seu processo de formação, ensino de história e aprendizagem histórica, foi necessário o estudo sobre cultura escolar (FORQUIN, 1993), que possibilita entender como os elementos da escola e na escola são fundamentais para compreender como se dá o ensino de história e os resultados do mesmo. O livro didático em si é um dos elementos mais marcantes da cultura escolar, entendê-lo e analisá-lo nos permitirá saber se os conhecimentos produzidos nas universidades estão chegando às escolas, ou seja, se os estudantes estão sendo contemplados com a historiografia debatida atualmente.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A cultura histórica pode ser definida como o raciocínio e pensamento da história na vida prática. Esta pode ser formada através de três diferentes campos, denominados como dimensões, sendo estas a estética, a política e a cognitiva, possibilitando o indivíduo a apropriar-se de determinado passado selecionado, de modo que faça sentido na vida prática do presente. Já a cultura escolar, termo cunhado por Forquin (1993), diz respeito aos elementos culturais selecionados para serem transmitidos pela escola. No

entanto, cabe lembrar que os saberes e a cultura praticados nas escolas não são fixos, mas elementos constantemente transformados na e pela comunidade que a compõe. Como Rockwell e Ezpeleta (2007) colocam, a escola é formada pela história documentada, bem como pela história não documentada, termo que faz referência ao cotidiano, o qual apresenta elementos claros da documentação oficial da escola, no entanto, modificados pela comunidade escolar. Assim, é válido analisar a cultura escolar, para entender parte do próprio processo de formação da cultura histórica. O livro didático sendo um dos principais objetos da cultura escolar, o torna uma importante fonte de pesquisa para trabalhos na área da educação. Sobre os livros didáticos de história que tratam sobre a Guerra do Paraguai, é possível constatar como a cultura escolar é variável. Isso fica evidente quando observamos as mudanças das narrativas historiográficas ao longo do tempo nos livros didáticos, assim como as diferentes apropriações feitas por esta. Vale lembrar que as diferentes narrativas são reflexos do contexto político, econômico e cultural da época em que foram produzidas.

A Guerra do Paraguai nos manuais didáticos de história do Brasil, segundo SALLES (2017), é colocada sob quatro perspectivas distintas e que estão diretamente relacionadas com o contexto histórico pelo qual o país vivia em cada um dos momentos. Essas diferentes historiografias devem ser estudadas, pois são reflexos da cultura histórica existente de cada período e ver como os livros didáticos abordam a guerra nos permite entender como a cultura escolar se apropria da cultura histórica e a dá significado dentro do contexto educacional.

Em nossos estudos, localizamos quatro perspectivas historiográficas brasileiras em relação à Guerra do Paraguai: a memorialístico-militar-patriótica, a dos positivistas ortodoxos, a revisionista e a neorrevisionista. (SALLES, 2017, p. 298)

O primeiro momento em que a historiografia sobre a Guerra do Paraguai se faz presente nos manuais didáticos de história do Brasil, pode ser situado entre os anos de 1870 até meados da década de 1960. Neste primeiro momento, a narrativa

historiográfica sobre o conflito nos livros escolares estava marcada pela perspectiva memorialística-militar-patriótica e de forma menos presente a dos positivistas ortodoxos (SALLES, 2017). A historiografia didática neste momento, almejava reforçar a ideia de nacionalismo e colocar os militares brasileiros na campanha do Paraguai no papel de heróis. Por outro lado, a imagem de Solano López era tida como a responsável pelo início do conflito, pelo fato de que o Paraguai foi quem iniciou a guerra após o aprisionamento do navio Marquês de Olinda e os ataques ao Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Pode-se induzir que o objetivo a ser alcançado com esta narrativa sobre a cultura histórica brasileira, seja o de fortalecer o sentimento nacionalista e contribuir com a narrativa historiográfica oficial brasileira que se constituía no final do século XIX e início do XX. Além desta narrativa nacionalista, no mesmo período o Brasil passava por outros processos para a constituição do ideal de uma nação civilizada entre os trópicos, como a listagem de patrimônios presentes no país pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). (GUIMARÃES, 1988).

A primeira fase das narrativas sobre a Guerra do Paraguai, também é conhecida como tradicionalista (SQUINELO, 2008). O heroísmo militar brasileiro é representado através das batalhas travadas em solo paraguaio como: Tuiuti, Avaí e a batalha naval do Riachuelo. Nas representações iconográficas, os quadros de Pedro Américo ganham imenso destaque, ao lado das imagens do Duque de Caxias, General Osório e Almirante Barroso em seus elegantes trajes militares. O Brasil, nesta vertente, é colocado como o agredido ao ter seu território invadido pelo Paraguai no ano de 1864. Solano López seria o grande culpado pelo conflito, a tal ponto que a historiografia afirmava que o Brasil ao lutar contra Solano López, fazia um serviço aos paraguaios também, os quais eram oprimidos pela ditadura lopizta. Em vários momentos é ressaltada a ideia de que a guerra não era contra o Paraguai e sim contra o seu governante.

Respeitando as devidas diferenças a serem levadas em consideração pelo historiador em seu ofício ao trabalhar com memórias, reminiscências, diários e cartas, em linhas gerais essa primeira produção que se iniciou logo após o conflito platino legou uma visão sobre a Guerra na qual foi consagrada a vitória brasileira, tendo o exército imperial, em nome de d. Pedro II, “cumprido com sua missão” ao “libertar o Paraguai do governo de um tirano”; para tal incumbiu-se de registrar as glórias do Império brasileiro

representada nas grandes batalhas e nos feitos heróicos. (SQUINELO, 2008, p. 2)

A Guerra do Paraguai sendo colocada desta maneira, facilmente pode gerar como resultado, o sentimento nacionalista nos estudantes, pois o Brasil além de ser colocado como uma vítima, ainda é colocado como herói do povo paraguaio ao destituir Solano López do poder. As imagens do heroísmo nas batalhas campais e dos líderes militares brasileiros, elementos de dimensão estética da cultura histórica, agem diretamente no processo de aprendizagem histórica, e na formação da consciência histórica dos indivíduos. Esta narrativa foi fundamental na construção do sentimento nacionalista brasileiro, o qual gradativamente ganharia força nos anos posteriores ao conflito.

No entanto, a historiografia tradicionalista foi colocada em questionamento durante a década de 1960. Este período é marcado no Brasil como o momento no qual emergiu o governo da ditadura militar em 1964. No processo de perseguição à comunistas e militantes de esquerda, torturas, prisões e exílios ocorreram durante todo o período de governo dos militares. Neste mesmo momento, surgiu o segundo momento da historiografia que trata sobre a Guerra do Paraguai, a qual é de cunho marxista e em um processo oposto à versão tradicionalista, condena várias ações militares brasileiras no Paraguai. Esta historiografia iniciada nos anos 1960 ficou conhecida como revisionista. Sua narrativa, sobretudo através do expoente argentino León Pomer e posteriormente com Julio Chiavenato no Brasil com seu livro *Genocídio Americano* (1980), denuncia e critica os massacres do exército brasileiro que dizimou a população paraguaia de 1865-1870. Com isso há uma inversão do papel do Brasil como a vítima e o Paraguai como o agressor, como afirma Squinele:

Esta vertente explicativa da Guerra do Paraguai acabou por deslocar o Brasil de seu papel “salvador”, e o Paraguai de sua posição de “grande vilão”. Muitos brasileiros e demais latino-americanos tornaram-se admiradores e defensores da nação guarani ao passo que passaram a culpar a nação brasileira por todas as mazelas vividas pelo Paraguai. Afinal, passara-se a ter uma única culpada pelo litígio: a Inglaterra! (SQUINELO, 2011, p.22).

A nova abordagem sobre a guerra colocava o cenário comercial internacional como o grande culpado pelo conflito, sendo a Inglaterra a principal protagonista. Esta, sendo a potência econômica do mundo no século XIX, mantinha boas relações comerciais com os países da tríplice aliança e ao deparar-se com o desenvolvimento do país guarani, sentiu sua dominação econômica ameaçada jogando os países aliados contra o Paraguai a fim de frear seu desenvolvimento.

A explicação que se dá para a causa do conflito, como mencionado acima, é que o Paraguai chegou em um nível de auto sustentabilidade tão elevado, que poderia vir a ser um exemplo para os países vizinhos da região. Sendo assim, o Paraguai se tornou um péssimo caso aos britânicos, que viam seu comércio ameaçado, já que Brasil, Argentina e Uruguai poderiam se tornar autossustentáveis e parar de comercializar com a Inglaterra. Segundo o revisionismo histórico, o Paraguai era uma nação em grande desenvolvimento, não somente social como econômico, apresentando o surgimento de indústrias, o primeiro ferrocarril da região. Essa historiografia revisionista de cunho marxista, criou nos anos 1960, o que os neorrevisionistas anos mais tarde chamariam de mito desenvolvimentista do Paraguai. Os neorrevisionistas chamariam esta etapa de desenvolvimento autóctone do Paraguai de mito, ou fantasiosa, pois o Paraguai nunca chegou a ter tal desenvolvimento econômico e além disso, os paraguaios eram tão dependentes da tecnologia britânica quanto os aliados, principalmente em tecnologia bélica.

Há controvérsias sobre a Inglaterra ser realmente a única culpada pelo conflito nesta abordagem histórica, Salles (2017) mostra que nesta perspectiva as elites latino-americanas também tiveram sua parcela de culpa.

Contudo, apesar da indicação das causas econômicas, em que o imperialismo inglês teve um papel fundante, a referida corrente não deposita exclusivamente nas elites econômicas inglesas toda a responsabilidade pela guerra, pois reconhece a atuação das elites locais latino-americanas como agentes que favoreceram a penetração e exploração na/da região pela potência inglesa. (SALLES, 2017, p. 299-300).

A historiografia marxista acima mencionada, ganhou força e desde então foi colocada nos livros didáticos de história brasileiros. Tal foi o impacto, que na atualidade

facilmente na maioria dos manuais didáticos é possível encontrar esta abordagem a respeito da guerra, ou algum tipo de menção a ela. O principal autor da historiografia marxista, Julio Chiavenato (1980), também é quase sempre mencionado nas obras didáticas, seu livro genocídio americano traz uma série de dados sobre as perdas humanas ao decorrer da guerra, principalmente sobre a população paraguaia.

No âmbito do impacto que esta narrativa causou sobre a cultura histórica brasileira, como mostra SQUINELO (2011), muitos brasileiros se solidarizaram com o passado paraguaio. O Paraguai passou a ser visto como um país injustiçado, o qual apresentava um desenvolvimento autônomo único em toda a América do Sul e deveria ser tido como um modelo de exemplo a ser seguido pelas demais nações, as quais ao invés de o terem feito, destruíram essa bem-sucedida experiência.

A terceira narrativa a figurar nos livros didáticos de história no Brasil a respeito da Guerra do Paraguai, é conhecida como neorrevisionista e surgiu nos últimos anos da década de 1980, sobretudo ascendeu através de diversas obras a respeito na década de 1990. A obra mais conhecida que se tornou símbolo desta historiografia é *Maldita Guerra* de Francisco Doratioto (2002). Com a abertura de documentos da época principalmente nos arquivos paraguaios em Asunción, foi possível o acesso de diversas fontes documentais que geraram novas interpretações sobre os acontecimentos do conflito. Este é um dos fatores que levaram à mudança, mas seguramente não é o único.

O neorrevisionismo apresenta uma série de fontes documentais, relacionados sobretudo às relações políticas e diplomáticas dentro e entre os países envolvidos na contenda militar. Com isso, vários argumentos defendidos pelos marxistas começaram a ser questionados pelos neorrevisionistas, como a relação com a Inglaterra no conflito. A causa do conflito recaiu sobre a disputa pela bacia hidrográfica da região platina e a questão política interna do Uruguai entre blancos e colorados.

Estudos e pesquisas mais recentes, nos mostram que atualmente há uma quarta tendência, que buscam entender na vida dos sujeitos individuais durante o conflito, bem como tais agindo coletivamente. A exemplo disto, no Brasil são cada vez mais comuns pesquisas que pensem no papel dos negros que lutaram na Guerra do Paraguai e dos setores menos favorecidos que foram recrutados a força. André Toral (1995) mostra por exemplo, as estratégias de fuga ao recrutamento e se atenta àqueles que fugiam ao sertão e eram caçados pelos recrutadores.



Aos despossuídos não restava outro recurso para escapar ao alistamento que a fuga para o mato. A população do corte e das províncias rebelavam-se contra as autoridades recrutadoras, os delegados de polícia e seus prepostos, que "iam caçar o caboclo no Amazonas e no Pará, o tabaréu nordestino na caatinga, o matuto na sua tapera, a caiçara no litoral, enfim brancos, mulatos e negros que, depois de reunidos e contados, eram despachados em magotes" (Queiroz Duarte, apud Salles, 1990:102) (TORAL, 1995, p. 292).

Neste estudo, Toral (1995) acaba explicando a situação dos escravos e dos pobres coletivamente, mas também coloca exemplos individuais de combatentes que foram ao Paraguai como voluntários, ou como na maioria dos casos, de modo forçado. O que se pode observar, é que autores da historiografia memorialística-patriótica-militar, como a de Dionísio Cerqueira, oficial do exército brasileiro e combatente na Guerra do Paraguai, são cada vez mais citados em pesquisas que buscam dar exemplos de papéis individuais, mencionados no diário do oficial brasileiro.

## **ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS**

Para a realização deste trabalho, foram selecionados alguns critérios a serem analisados nos livros didáticos, a fim de possibilitar que seja feita a constatação, de quais conhecimentos são selecionados dentro da cultura histórica, para figurarem dentro dos livros escolares e como a cultura escolar se apropria de tal conhecimento. O primeiro ponto a ser observado foram as narrativas presentes a respeito da Guerra do Paraguai dentro dos livros, este é importante, pois nos mostra quais narrativas estão presentes na cultura histórica nacional e quais as significações que a cultura escolar dá quando se apropria do conhecimento e coloca a narrativa no livro didático. O segundo

ponto a ser analisado foram as ilustrações que são colocadas a respeito do conflito, é interessante notar tais representações imagéticas, pois estas são carregadas de sentido, colocadas intencionalmente sob o ponto de vista de quem a fez. O terceiro item a ser analisado, foram as atividades cobradas no final do capítulo que trata a respeito da Guerra, neste caso, ver quais são os objetivos que os exercícios buscam alcançar e a quantidade de exercícios sobre a temática. Outro ponto que foi analisado é referente aos referenciais bibliográficos que foram utilizados para tratar do conflito, com isso é possível notar se os autores do livro didático e a editora estão atualizados e atentos às discussões historiográficas atuais. Caso isso não ocorra, há a hipótese de que os autores do livro estão a par dos debates atuais, no entanto, por preferência ideológica usem autores que a historiografia considera atual os considera como desatualizados. Ou então, os autores do livro realmente não estão cientes das novas discussões historiográficas.

O último critério de análise foi o número de páginas destinado à Guerra do Paraguai e a ordem na qual está inserida no livro didático, pois isso também gera significado ao abordar esta temática, quer dizer, não é por um simples acaso que a Guerra do Paraguai está inserida em uma parte ou outra do livro, há uma razão para que esteja inserida onde está. É possível ver que há livros que dão mais importância ao conflito e conseqüentemente destinam maior número de páginas para este episódio da história brasileira. Assim como há livros em que o conflito parece quase que irrelevante, devido ao pouco número de informações que existem ao longo de duas ou três páginas. No geral, quanto a ordem de inserção, a Guerra do Paraguai é colocada no grande capítulo que trata sobre o Segundo Reinado e o conflito é tido como uma das principais causas da queda do monarca Pedro II, bem como da monarquia brasileira, devido ao grande impacto político e social causado durante e após a guerra.

Nesta pesquisa foram analisados dois livros didáticos, sendo um deles do ensino privado, enquanto que o outro é do ensino público. O primeiro, de ensino privado, é o livro História 02 pré-vestibular da Editora Poliedro, produzido no ano de 2013 e de autoria do professor de história Gilberto Elias Salomão. O segundo livro, de ensino público, é intitulado “História: sociedade e cidadania – 2ª edição – 8º ano” da editora FTD, produzido no ano de 2012 e de autoria de Alfredo Boulos Júnior.

Os dois livros foram escolhidos, porque ambos abordam o conteúdo “Guerra do Paraguai”, no entanto, apresentam explicações através de narrativas historiográficas

completamente distintas. Quanto as imagens, também há grande diferença entre os livros no quesito quantidade e os significados que a iconografia de um traz, são completamente diferentes do outro. A escolha destas duas obras foi feita também, a fim de constatar se há muita diferença na maneira como é abordado o conflito no ensino médio e no ensino fundamental. Outra razão ainda para a escolha destes dois livros, se deve ao fato de um ser usado em escolas particulares e outro em escolas públicas, o que significa que, provavelmente, os livros são destinados há públicos estudantis de diferentes classes sociais e neste sentido, analisar qual é a aprendizagem almejada por ambas as obras através dos exercícios, nos permite também saber as diferenças que há entre os objetivos do sistema público de ensino e do sistema privado.

## **CONSTATAÇÕES**

- 1) Através de pesquisas realizadas até o momento, foi possível constatar que nos dois livros didáticos estudados, no livro da Editora Poliedro há predominantemente a narrativa historiografia marxista enquanto que no livro da Editora FTD, o neorrevisionismo é o protagonista no texto que trata sobre o conflito. Pode-se constatar isso devido à grande insistência do primeiro livro em ressaltar a interferência inglesa no conflito, destruindo o modelo autônomo sustentável do Paraguai. Já o segundo, apresenta um enfoque muito maior nos problemas regionais, no que tange o controle de territórios que dão acesso a importantes vias fluviais da região platina.
- 2) O livro da Editora Poliedro, trata muito resumidamente o assunto Guerra do Paraguai, que é colocado no capítulo O Segundo Reinado, entre os tópicos “Questões Platinas”, o qual, antecede o conflito com o Paraguai e “A Crise do Império e o Movimento Republicano” que é o tema que sucede. Isso pode ser entendido pelo fato de ser um livro pré-vestibular, cujo objetivo da Editora que produziu tal obra é preparar os estudantes que fazem uso deste

material intensivamente para os principais vestibulares do país. Isso fica evidente ao final do capítulo, onde tem uma bateria de exercícios, que é um conjunto de questões de múltipla escolha, que foram de vestibulares anteriores. Há uma questão discursiva que o livro traz no início dos exercícios que solicita ao estudante que coloque quais foram as três principais causas da Guerra do Paraguai. O livro traz em seu caderno de respostas que as razões foram: O expansionismo paraguaio intensificado no governo de Francisco Solano Lopez; Atitude imperialista brasileira; Interesse inglês sobre a região. Nessa questão, por mais que o livro esteja predominantemente ligado ao revisionismo, o mesmo traz como resposta, explicações da causa do conflito, presentes na historiografia, tradicional, revisionista e neorrevisionista. Contudo, foi muito interessante constatar como que este livro didático relatou a guerra, colocando a explicação revisionista da Guerra, ressaltando em várias passagens que os aliados foram influenciados pela Inglaterra, a se colocarem contra o modelo autônomo de desenvolvimento da República Paraguaia.

Além disso, havia o receio de que o Paraguai representasse um concorrente para a Inglaterra, na medida em que passasse a disputar os mercados consumidores da América Latina. Mais que isso, seu modelo autônomo de desenvolvimento poderia servir de estímulo para que outros países da América Latina adotassem o mesmo procedimento. Era fundamental, portanto, à Inglaterra, neutralizar esse desenvolvimento. (SALOMÃO, 2013, p. 58-59).

No que diz respeito às imagens, o livro da Editora Poliedro colocou três imagens clássicas usadas pela historiografia tradicionalista, sendo a primeira, uma representação dos três chefes de Estado da revista *Semana Ilustrada* em 1865, a segunda imagem é o quadro de Pedro Américo sobre a Batalha de Avaí e a última imagem colocada é um retrato do Almirante Tamandaré. As imagens colocadas no livro, estão apenas como representações do conteúdo que está no texto. Quer dizer que, o livro não propõe um raciocínio e

interpretação sobre as imagens, sobre o que representam, diferentemente da proposta do livro da FTD que será visto no próximo tópico.



Representações do livro de Gilberto Elias Salomão (2013)

- 3) Por outro lado, o livro da Editora FTD, discorre ao longo de 05 páginas sobre a Guerra do Paraguai. Ao longo destas páginas, o texto encontrado no livro didático se aproxima à historiografia neorrevisionista. O livro já começa colocando como um dos antecedentes da Guerra, a grande disputa pela navegação dos rios da bacia do Prata e das terras férteis. O tema A Guerra do Paraguai está entre o tema sobre imigrantes no Brasil e o tema “Abolição e República”. Quanto às imagens, o uso é completamente distinto daquele da Editora Poliedro. Ao total são oito imagens, muitas destas sendo charges satíricas que exigem interpretação dos estudantes. Não são apenas ilustrações como no primeiro livro.

Um ponto muito importante, no livro de Alfredo Boulos Júnior (2012), a última página antes das atividades, é destinada aos negros que lutaram na Guerra do Paraguai, o que mostra, que há a preocupação por parte do autor em dar enfoque em personagens que são esquecidas pela historiografia oficial, ou seja, não há apenas a menção dos “heróis” da Guerra, senão que também são lembrados indivíduos dos setores populares.

No que diz respeito às atividades, o objetivo (conhecimento que busca ser alcançado pelo sistema de ensino), é completamente diferente daquele da Editora Poliedro. A obra da FTD traz um elemento que Jörn Rüsen (1997)

considera como ideal dentro do livro didático, a multiperspectividade. Justamente o que é cobrado nas atividades. Ao total são oito exercícios, os cinco primeiros estão em uma página denominada “A imagem como fonte”. Nesta são colocadas duas charges, uma feita pelos brasileiros, a qual coloca Solano López como um tirano em cima de ossos com uma cabeça decapitada em sua mão e a segunda charge feita por paraguaios, colocando os líderes brasileiros da Guerra como macacos. O livro solicita que os estudantes respondam quais as intenções de brasileiros e paraguaios em tais charges. Na página seguinte, o título é “O texto como fonte”, foi colocado um texto, cujo título é “Brasileiros, uni-vos”, que coloca que a Guerra do Paraguai foi o evento histórico mais importante do século XIX no Brasil, para a construção da identidade nacional e que muitos brasileiros foram à luta contra os paraguaios voluntariamente, e não forçados como sempre é lembrado o recrutamento da época.

O livro fornece o texto base, somado às imagens e além disso, outras visões acerca do conflito, como a própria visão que os paraguaios tinham em relação aos brasileiros, colocando sempre estes como macacos.



Confrontação de perspectivas proposta por Alfredo Boulos Junior (2012).

- 4) Ao ver especificamente os objetivos que ambos livros buscam alcançar, foi possível constatar que o livro da Editora Poliedro, possui unicamente o objetivo de que o aprendizado do estudante seja o necessário para as provas de vestibular, a obra didática não propõe reflexões sobre o tema, pelo

contrário, é bem objetivo, exibindo uma narrativa e colocando questões de prova, as quais o estudante poderá usar da explicação do próprio livro para responder. Já o livro da Editora FTD, está interessada em um ensino e aprendizagem de história, baseado na reflexão a partir de diferentes perspectivas a respeito do mesmo assunto, pode-se dizer que esta seria uma formação mais crítica que busca concretizar a aprendizagem a longo prazo, ou seja, a maneira como a Guerra do Paraguai é colocada, não está objetivando apenas a memorização para uma avaliação, e sim que o aluno raciocine a partir de diferentes visões o que foi a Guerra e suas interpretações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Guerra do Paraguai, atualmente ainda gera muitas discussões pelas atrocidades cometidas nos campos de batalha durante a guerra, bem como pelas diferentes interpretações e significações dadas ao conflito após o seu término. Após pouco mais de um século e meio, no Brasil, podemos ver diferentes explicações e concepções sobre o que foi a guerra contra o Paraguai. Autores de trabalhos sobre a Guerra, apontam bem os principais momentos das narrativas historiográficas brasileiras sobre a Guerra do Paraguai, sendo basicamente uma tradicional, outra revisionista e outra neorrevisionista, lembrando que há ainda uma quarta tendência que focam nos sujeitos individuais e coletivos do conflito.

Pode-se dizer que essas narrativas fazem parte da cultura histórica. O conhecimento é selecionado e é apropriado na e pela cultura escolar. Sendo o livro didático um dos principais símbolos da cultura escolar, analisar e entender como a cultura histórica a respeito da Guerra do Paraguai está presente na narrativa dos livros didáticos, motivou a análise comparativa entre dois livros, sendo um de escola particular e outro de escola pública.

O livro de escola particular da Editora Poliedro, destinado aos estudantes que estão na etapa do pré-vestibular, apresenta a narrativa muito resumidamente de maneira

objetiva, buscando unicamente preparar os estudantes para as principais provas de vestibular do país. A narrativa é predominantemente revisionista e as imagens são apenas ilustrativas.

Paralelamente, o livro da Editora FTD, utilizado em escolas públicas, é destinado aos estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental. Há uma importância muito maior ao assunto Guerra do Paraguai, tido que são cinco páginas tratando sobre o assunto. Nesta obra didática, predomina o neorrevisionismo, mas a tendência de pesquisa em sujeitos individuais e coletivos se faz presente também. Isso fica muito evidente quando tratam dos negros que foram lutar na guerra. As imagens usadas não são meras ilustrações, estas são charges críticas, as quais são base de reflexão e discussão. O livro ainda apresenta não só o ponto de vista brasileiro, como também o paraguaio, o que caracteriza o elemento de multiperspectividade. O objetivo deste ensino, é fazer o estudante refletir sobre o que foi a Guerra a partir de diferentes perspectivas.

A partir destes dois livros, foi possível ver que há inúmeras diferenças entre as duas obras, isso pode ser devido aos diferentes públicos para os quais são destinados os livros, já que um é de pré-vestibular e outro é de 8º ano do Ensino Fundamental, bem como pode ser pelos diferentes objetivos que buscam almejar o Ensino público e o Ensino privado. O ano não pode ser considerado como um dos fatores para a diferença entre as duas obras, pois um livro é do ano de 2012 e o outro é do ano de 2013.

Para estudos futuros, cabe analisar uma variedade maior de livros didáticos sob os mesmos critérios de investigação, para então partir para outros critérios de análise sobre a representação do maior conflito da América do Sul nos livros didáticos brasileiros.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania** – Edição reformulada, 8º ano/ Alfredo Boulos Júnior – 2.ed. – São Paulo: FTD, 2012.

CHIAVENATO, Julio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. Editora Brasiliense, 1980.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. artes Médicas, 1993.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, No.1, 1988, pp. 5-27.

MONTEOLIVA, DORATIOTO Francisco Fernando. Maldita Guerra–nova história da Guerra do Paraguai. **Companhia das Letras, São Paulo**, 2002.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. Processo inacabado de construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 131-147, 2007.

RÜSEN, Jörn. El libro de texto ideal. Reflexiones entorno a los medios para guiar las clases de historia. **Iber: Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia**, v. 4, n. 12, p. 79-93, 1997.

RÜSEN, Jörn. Que es la cultura historica?: reflexiones sobre uma nueva manera de abordar la historia. Tradução de: SÁNCHEZ COSTA, F.; SCHUMACHER, Ib. Original In: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H. T.; RÜSEN, J. (Eds.). Historische faszination. geschichtskultur heute. 1994, p. 3-26.

SALLES, André Mendes. A GUERRA DO PARAGUAI NAS EDIÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO HISTÓRIA DO BRASIL: DA COLÔNIA À REPÚBLICA, DAS AUTORAS ELZA NADAI E JOANA NEVES. **EDUCAÇÃO BÁSICA REVISTA**, v. 3, n. 2, p. 291-311, 2017.

SALOMÃO, Gilberto Elias. **História: pré-vestibular. Livro 02**. Editora Poliedro, São José dos Campos – SP, 2013.

SQUINELO, Ana Paula. Debates historiográficos contemporâneos: a Guerra do Paraguai e suas vias discursivas. **MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (Orgs.). Caderno de Resumos & Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.**

SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros–PNLD 2011. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 15, n. 1, 2011.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 24, p. 287-296, 1995.